



# A importância de uma teoria interpretativa da cultura na extensão e educação rurais

Maria do Carmo Tafuri Paniago\*

**“Nossa educação a gente aprende em casa, na rua. Sua educação é sua sendo sua não é da gente.**

**A sua é você quem sente e força a gente a aprender. Pegue lá o seu saber que eu de cá pego o meu; você me ensina o seu mas o meu, tem que aprender”.**

*(Fala do “Prof. Tíridô”, personagem criada por Fernando A. Gonçalves dos Santos, em Mamulengo).*

---

\* Professora do Departamento de Educação da UFV, na área de Educação Rural.

Para o professor, supervisor, extensionista, ou qualquer pessoa envolvida com a problemática da Extensão Rural ou da Educação no meio rural, certamente será bastante expressiva essa fala do "Prof. Tiridá". É que ela, na sua singeleza, remete-nos, de pronto, ao problema crucial da cultura e das disparidades de universos mentais existentes nos variados grupos sociais que interagem no mundo pontilhado de conflitos sócio-econômicos, políticos e culturais de nossa época. Trabalhos inerentes à cultura afiguram-se, quase sempre, como complexos e amplos, dada a variedade de conceituações, abordagens e enfoques analíticos que o tema permite, mesmo dentro da Antropologia, ciência que a ela se dedica de modo mais específico. Daí a preocupação de se encontrar uma proposta alternativa para a utilização da cultura em trabalhos ligados à Extensão Rural e à Educação Rural.

Com esse objetivo, serão feitas algumas considerações em torno de um enfoque que privilegie a interpretação dos fatos culturais, inserindo-os em um contexto maior de análise das relações sociais porventura percebidas no ato de "interpretar", para então se procurar uma possível utilização dos dados aferidos no campo da Extensão Rural e da Educação Rural.

GEERTZ (1978), em sua busca por uma teoria interpretativa da cultura, vê a necessidade da "redução do conceito de cultura, tornando-o um conceito mais limitado, mais especializado", que imagina teoricamente mais poderoso para substituir o conceito altamente classificatório de "o todo mais complexo", de E. B. TYLOR.

Dessa forma, o autor defende um conceito essencialmente semiótico para a cultura. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, GEERTZ (1978) define a cultura como sendo essa teia e sua análise, percebendo-a não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa à procura de significados.

Nessa procura, o autor endossa a emergência de uma etnografia que venha privilegiar uma "descrição densa", noção que toma emprestada de Gilbert RYLE, para quem "é justamente ao compreender o que é etnografia, ou mais exatamente, o que é a prática da etnografia, que se pode começar a entender o que representa a análise antropológica como forma de conhecimento". Desse modo, essa "descrição densa" coroaria os processos usuais da etnografia, tais como selecionar informantes, estabelecer relações, manter diários de campo, e outras. Entre o que RYLE, citado por GEERTZ (1978), chama de "descrição superficial" e a "descrição densa" do que se está fazendo, está o objeto da etnografia, "uma hierarquia estratificada de estruturas significantes" que deverão ser percebidas e interpretadas com inferências e implicações em tentativas de desvelamento da realidade observada e estudada.

DA MATTA (1986), em seus ensaios de Sociologia Interpretativa, vê as possibilidades de uma Antropologia Interpretativa, acreditando que a situação do ritual vivo tem o mérito de apresentar alguns problemas de forma mais clara. Primeiramente, diz o autor, "para indicar que na interpretação e na exploração não se deseja dissolver os fenômenos, mas tentar apanhá-los no seu curso, no seu episódico desenvolvimento." Depois, para acentuar que o caminho não é feito de

dicotomia de um "antes" e um "depois", mas de "conjunções e elos". Contudo, alega que "se os homens vivem em teias simbólicas que permitem, como diz Clifford GEERTZ (1978), interpretações de interpretações de interpretações, não se pode esquecer que tais interpretações são molduras".

Para o autor, "vivemos em situações, é certo, mas essas situações formam ordens e estruturas que as culturas partem e repartem de acordo com o código que "escolhem" para dar sentido à sua identidade". Tudo pode dissolver-se em pequenas unidades, ou pode ser reunido, como na situação de um concerto musical, por ele utilizado a título de exemplificação, em espetáculos mais inclusivos e complexos, se a análise sócio-cultural estiver comprometida com o "descobrir" as relações existentes. Ainda segundo o pensamento do autor, "são as sociedades, elas próprias, que dão legitimidade social aos elementos universais que as compõem. Cabe ao analista descobrir como é que isso se faz e como é que se promove essa legitimidade." Nesse sentido, o problema não é somente uma escolha de modelos, teorias e paradigmas analíticos, mas a descoberta de que as situações e os sistemas podem ser, eles próprios, funcionalistas, neomarxistas, estruturalistas e até mesmo culturalistas e evolucionistas.

O que a perspectiva interpretativa busca realizar é desvendar relações, mostrando como certas sociedades foram mais sensíveis a alguns elementos de que a outras, e que certamente nenhuma foi capaz de aprofundar todos. O mérito das interpretações está no fato de que elas não querem perder de vista o instante observado ou o processo desenvolvido naquele momento exato da interpretação. Uma atitude interpretativa pretende discernir um pouco melhor as variações das culturas, sem querer engavetar nenhuma delas, consideradas "erradas", ou "desviantes", ou "corretas".

Sem a pretensão de um maior aprofundamento teórico sobre as possibilidades e limitações de uma visão interpretativa da cultura, pode-se perceber a sua possível validade no campo da Extensão Rural.

A teoria interpretativa pode abrir caminhos para um repensar sobre as atividades do extensionista ou do educador do meio rural, prendendo-se ou à conceituação semiótica da cultura, em GEERTZ (1978), e às suas especulações teóricas em torno de uma "interpretação das culturas", ou à extrapolação para o social das "interpretações" vistas como "molduras", em DA MATTA (1986).

Na medida em que esses profissionais puderem observar, interpretar e descrever com "densidade" situações concretas de cultura em que vivem os homens do campo, eles estarão mais aparelhados para desempenhar suas atividades de cunho educacional no meio rural. "A cultura é uma "realidade" na qual nada carece de significado, justamente por ser ela a própria construção do significado".

Exercitando esse tipo de observação/interpretação/reflexão/ação dentro da dimensão cultural do comportamento humano em seus valores, atitudes, atividades, enfim, em sua totalidade existencial, talvez seja possível discernir mais facilmente os caminhos que poderão levar a uma integração e uma interação mais efetivas entre o extensionista e o homem do campo.

Na medida em que extensionistas e educadores conseguem enxergar o que há por trás do discurso, dos costumes, do trabalho e da vivência do cotidiano do homem do campo, poderão melhor identificar os aspectos facilitadores e inibidores de mudanças e terão maiores possibilidades de realizarem trabalhos efetivamente comprometidos com transformações sócio-culturais.

Nesse caso, a Antropologia estaria desvendando seu potencial como instrumento de transformação, coerente com a própria cultura, que é essencialmente dinâmica no tempo e no espaço.

#### A FALA DO PROF. TIRIDÁ

Na construção da cultura, no ato de criar e recriar, de agir conscientemente sobre a natureza, de construir significados significantes, o homem vai elaborando o seu "saber". É a esse "saber", aprendido e sofrido na prática do trabalho e do lazer, mesclado de valores interiorizados, de princípios e normas herdadas de gerações passadas, conjugados na "teia" de significados que o próprio homem "teceu", que o Prof. Tiridá parece referir-se em sua fala. É no conhecimento e na interpretação desse "saber" carregado de juízos de valor e de valores contraditórios que os extensionistas/educadores deverão assentar a base do seu trabalho no campo.

É esse "saber" que irá dimensionar a prática pedagógica explicitada na fala do Prof. Tiridá: "você me ensina o seu / mas o meu, tem que aprender". E nessa prática pedagógica estão o diálogo, a troca de experiências, onde o "novo" e o "velho" se confundem, o interpretar, o refletir e o agir conjuntamente para o alcance de objetivos comuns. É um contínuo fazer e refazer, através da observação, interpretação, compreensão e modificação da cultura.

O problema que o extensionista/educador enfrenta em sua prática cotidiana parece estar além das técnicas pedagógicas e das metodologias usadas em seu trabalho. Embora extremamente úteis como táticas de elaboração e execução de atividades comunitárias/educativas, é necessário um caminhar mais longe para que se faça uma tentativa de se modificar não partes do fazer cultural, mas o próprio sentido da cultura. A tecnologia tanto pode ser utilizada em situações dialógicas como em situações de dominação.

O problema maior da Extensão Rural e da Educação Rural não é o de somente "difundir novas tecnologias ou idéias", mas o de sedimentar ou implantar uma nova consciência como solução racional do "fazer" (tecnologia) - solução que deverá ser baseada no cultural. A força do meio social, o

modo de vida coletivo, mesmo quando considerados separadamente, o aspecto econômico (produtividade) e o estritamente cultural são unificados na forma como se apresentam no mundo real. Daí a importância de que a "descrição densa" e a "interpretação" não se dissociem do social. O extensionista/educador deve entender a cultura como uma atividade criadora, transformadora do homem e da natureza, mesmo quando o conceito é delimitado em GEERTZ (1978).

Os significados devem ser significantes para quem deles faz uso. O extensionista/educador deve estar sempre alerta para detectar e compreender a existência de significados dentro de uma "cultura do poder" e de uma "cultura subalterna", para precaver-se contra atitudes e comportamentos que o levem ao exercício de uma "invasão cultural". Os métodos e as técnicas são neutros. Não são neutros os "usos" que deles se fazem. As técnicas de organização de associações de bairros, de conselhos comunitários, clubes de mães, clubes de jovens e outros não apresentam diferenças significativas quando analisadas como tal.

O importante, portanto, está na observação e interpretação das "teias de significados" e das relações sociais que emergem enquanto o homem constrói a sua cultura e é por ela construído. Contudo, o grande problema de uma proposta desse tipo estaria no preparo do extensionista/educador para se movimentar com relativa segurança na interpretação da "teia de significados" de WEBER, sem perder de vista o social, o "todo coerente", os "elos de ligações" do culturalismo de DA MATTA (1986).

Por esse caminho, talvez, seja possível a criação de um tipo de intervenção na realidade sócio-econômico-cultural do homem do campo que não viole seus princípios e valores originais. Este é o grande desafio que está a exigir, cada vez mais, propostas de soluções alternativas no campo da Extensão Rural e da Educação Rural.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Maria Helena de. Evasão e repetência; até quando? *AMAE Educando*, Belo Horizonte, 176: 2-5, nov. 1985.
- DUARTE Jr., João Francisco. *Fundamentos estéticos da educação*. São Paulo, 1981. 128 p.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, 1978. 323 p.
- MATTA, Roberto da. *Explorações; Ensaios de Sociologia Interpretativa*. Rio de Janeiro, 1986. 147 p.